

SOCIALIZAÇÃO E IDENTIDADE RACIAL

Irene Maria Ferreira Barbosa
Da Universidade Estadual
Paulista/Marília — SP

E

ste trabalho é parte de outro mais amplo denominado *Socialização e relações raciais: um estudo de família negra em Campinas* (Barbosa, 1983), mas para a presente proposta, vamos nos referir apenas aos aspectos relativos à socialização e formação da identidade. O principal objetivo do trabalho é examinar a maneira pela qual as famílias negras preparam suas crianças e verificar a existência de mecanismos especiais utilizados para enfrentar situações, também

especiais, em relação aos brancos.

A pesquisa em questão foi efetuada com famílias negras de classe média em Campinas e, no que se refere ao processo de socialização, observamos que a criança pequena não sofre nenhuma limitação rígida nos primeiros anos de vida, que a criança maior recebe elementos socializadores de forma circunstancial no que se refere à aquisição de valores e, ao mesmo tempo, elementos socializadores de modo formal no que se refere a hábitos de higiene e etiqueta social. Com isso, as crianças, de um modo geral, representam o elemento central na atenção das pessoas adultas da casa pois, à medida que crescem e passam a se relacionar mais intensamente com outras esferas além dos limites do grupo doméstico, começam a receber um controle mais rígido. Ao mesmo tempo, as atenções e agrados começam a se reduzir, até que passam a caracterizar a maneira pela qual os jovens e, em especial as jovens, recebem a carga socializadora para enfrentar a idade adulta.

Um dos aspectos mais importantes nas duas fases em que a socialização está sendo considerada, especificamente na família negra, é o problema da

identidade racial. Observamos que nenhuma providência é tomada até que apareça um problema específico, uma vez que os adultos entrevistados não se lembram de terem recebido nenhum preparo especial quanto às formas de resolver os problemas raciais que pudessem ser consideradas como uma característica da socialização formal.

Assim, da mesma forma que haviam recebido uma socialização que não fornecia o preparo especial para enfrentar problemas raciais, reproduziam para a geração seguinte uma socialização igualmente carente dessas informações. A ausência de preparo é muitas vezes acompanhada "pela capacidade da família e, em menor grau, da vizinhança local, em se constituir uma cápsula protetora para seu jovem membro. Dentro de tal cápsula, uma criança estigmatizada desde seu nascimento pode ser cuidadosamente protegida pelo controle de informações. Nesse círculo encantado, impede-se que entrem definições que a diminuam, enquanto se dá amplo acesso a outras concepções que levam a criança encapsulada a se considerar um ser humano inteiramente qualificado que possui identidade normal quanto às questões básicas com sexo e idade" (Goffman, 1975, p. 42).

Nas famílias negras, a cápsula protetora aparece como uma constante, retardando por maior tempo possível o aparecimento do problema racial, que vai trazer sempre decepções e choques que podem, em maior ou menor medida, influir decisivamente nas relações com brancos e negros.

"O momento crítico na vida do indivíduo protegido, aquele em que o círculo doméstico não pode mais protegê-lo, varia segundo cada caso, a sua aparição dará origem a uma experiência moral" (Goffman, 1975, p. 42). Esse momento entre crianças e jovens negros é crítico, na medida em que é o centro de toda questão da identidade racial. É o momento em que a criança (ou jovem) toma consciência não de suas diferenças raciais, pois disso sempre estiveram cientes, mas do significado dessas diferenças e da importância que elas têm para suas futuras relações sociais, uma vez que representam a fonte de todo preconceito que aparecerá nos momentos em que foram confrontados com brancos, e que, agora, passam para um nível consciente.

A identidade étnica é, assim, adquirida a partir de uma situação concreta. Destacarei, entre muitos, o caso de uma garotinha a quem em casa haviam isolado de todo problema racial, tendo ocorrido na escola sua experiência crítica, pois foi impedida, pelas colegas, de participar de uma brincadeira onde "preto não entra"; além disso, ouvia xingos de colegas; cada vez que comia as bananas levadas como merenda, diziam: "você já parece macaco, ainda come bananas!" Em casa, a menina não reclamava, mas parecia cada vez mais resistente a ir à escola, passando a não aceitar mais bananas como merenda. Interpelada pela mãe, contou o que estava acontecendo; só então foram tomadas as primeiras providências visando preparar a menina para problemas futuros. Entre outras medidas, a mãe tentou mostrar que "não havia nada demais em ser negra ou branca, que as

peças não valem pela cor, mas pelo que fazem e pelo que são". Entre as medidas mais "concretas" tomadas pela mãe ocorreram uma visita à escola, e uma conversa com a professora, pedindo sua intervenção caso o incidente viesse a se repetir. A partir de então, a mãe diz ter dado mais atenção aos problemas da filha, passando a discutir em sua presença questões raciais, pois espera que sua filha "saiba se comportar se outro problema acontecer". Isso significa que a criança não deve revidar as agressões, deve ser "superior", pois o comportamento preconceituoso de alguns brancos é por ela explicado como produto da ignorância dessas pessoas que se consideram superiores apenas porque são brancas. O máximo da agressividade sugerida é que quando a menina fosse xingada de "pretinha", respondesse igualmente, xingando a outra de "branquinha".

Não se pode avaliar a adequação dessa forma de socialização, pois haveria necessidade de elementos dos quais não dispomos. Entretanto, podemos tomar, para efeito de comparação, depoimentos de jovens e adultos que receberam elementos socializadores semelhantes, que demonstram que os problemas de identificação e avaliação pela cor que ocorreram na infância foram, de certa forma, suficientes para uma revalorização e uma reinterpretção das próprias relações. Portanto, apesar do amargor demonstrado em alguns dos depoimentos, existe um referencial para enfrentar outros problemas que venham acontecer. Ou também se constata que os projetos de jovens de hoje comportam uma revisão crítica da maneira pela qual foram socializados e como esperam socializar seus filhos, ao contrário do que seus pais fizeram.

Em muitos casos, a percepção da importância das diferenças raciais ocorre gradativamente, sem que os informantes pudessem determinar o momento, ou mesmo o fato que contribuiu para essa consciência. Mas, de qualquer forma, a maioria dos pais acha que uma preparação é desejável não apenas para prevenir, mas também para fornecer referências que suavizem os problemas ocorridos nas relações raciais, ainda que não possam resolvê-los. Isto se observa até mesmo entre aqueles pais que deixaram de preparar os filhos mas que hoje já vêem o problema de um modo diferente.

Uma vez enfrentado o momento crítico na aquisição da identidade étnica, existe uma reformulação também nas relações de família. E, por causa da consciência da inferioridade racial e social e da previsão de futuras dificuldades, a família pode adotar ou uma atitude acomodadora, advertindo que "qualquer esforço será em vão", que não adianta estudar, pois "serviço de negro não precisa de estudo", o que acaba por colocar obstáculos na vida dos filhos, ou procura enfrentar as situações, estimulando o estudo e exigindo um comportamento respeitável como a única alternativa capaz de trazer alguma melhoria: "se você quiser ser alguma coisa vai ter que estudar e se preparar muito mais que o branco", que "o único modo de subir na vida é estudando" e assim por diante...

A diferença de orientação no processo socializador ocorre muito mais por causa das experiências pessoais que por qualquer outra razão. Entretanto, os pais com mais baixo nível educacional tendem a assumir, mais freqüentemente, uma posição de acomodação que os de nível mais elevado; entre esses, quando isso ocorre, nota-se que é por causa de algum momento de desânimo frente a uma ocorrência concreta.

Exemplo disso encontrei na revelação de um pai que sempre estimulou os filhos e que, em um dado momento, voltou do trabalho com a notícia da promoção de pessoa menos qualificada para um cargo por ele pretendido. Diante disso, advertiu os filhos: "Vocês estão vendo, não adianta ser preparado, na hora de subir, vai um branco!" Não obstante essa experiência, o informante continua um bom funcionário. Esse depoimento revela outro dado bastante comum entre a população estudada que é a contradição entre os elementos transmitidos "formalmente" aos filhos, e os que são transmitidos de forma circunstancial, decorrente da ambigüidade que existe entre o comportamento ideal (transmitido pela socialização formal) e o real (transmitido pela socialização circunstancial).

Sendo a socialização na infância e na adolescência uma das principais tarefas dos pais, percebemos pelos depoimentos que eles fornecem aos filhos elementos extremamente ambíguos proveniente das dúvidas, que são acentuadas principalmente quando os filhos começam a questionar a educação recebida. Aí então, a consciência da necessidade de um preparo especial para os negros vai acabar preocupando os pais. Esse elemento ambíguo vai acabar por caracterizar o comportamento desses negros.

Por outro lado, se a família apresenta ambigüidade no processo de socialização, a escola, outra agência importante para esse processo, simplesmente não fornece nenhum elemento que venha auxiliar a formação da identidade racial e, além disso, reforça de forma negativa alguns estereótipos que prejudicam o processo socializador. Apesar de se constituir num importante espaço para a aquisição da identidade, não há nenhuma indicação de que a escola esteja preparada para lidar com todos esses problemas. Dessa forma, nosso desafio, agora, passa a ser buscar uma maneira de aparelhar a escola, os(as) professores(as) para que, de alguma forma, também possam influir no processo socializador das crianças negras, minimizando as situações traumáticas tão difíceis de serem vividas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, I.M.F. *Socialização e relações raciais: um estudo de família negra em Campinas*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983. (Antropologia 5)
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo, Zahar, 1975.